

## LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Jheniffer Kattieli Santos Gabrecht<sup>1</sup>

Robson Miranda Santos<sup>2</sup>

Rodrigo Alves Ribeiro<sup>3</sup>

Donaldson Rodrigues Thompson<sup>4</sup>

### RESUMO

O ensino de lutas nas escolas brasileiras por vezes foi abordado como algo distante ou fora da realidade didática, entretanto, Daolio (2004) ressalta a importância de tratar o ser humano como um todo em relação às suas manifestações e movimentos frente ao corpo. O docente em Educação Física deve possuir um conhecimento diversificado, como orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 1997). Assim, oferecendo aos alunos um ensino de qualidade. Este artigo busca compreender quais os fatores que dificultam e restringem o ensino do conteúdo de lutas nas escolas e aproximar-se das possíveis formas de se aplicar a prática de lutas. A pesquisa se caracteriza em qualitativa Minayo (2007) e exploratória Gil (2002). Acreditamos ser relevante trabalhar o conteúdo de lutas na educação básica, superando as possíveis limitações e fazendo adaptações. A pesquisa tem como foco principal trazer uma análise do tema proposto tendo em vista sua pouca discussão prática profissional, possibilitando, desse modo, a busca de materiais ou informações descritas nas doutrinas utilizadas para a realização do presente trabalho.

**Palavras-chave:** Esporte; Lutas; Educação Física e Educação.

### ABSTRACT

Daolio (2004) emphasizes the importance of treating human beings as a whole in relation to their manifestations and movements in front of the body. The teacher in Physical Education must possess a diversified knowledge, as it guides the National Curricular Guidelines (Brazil, 1997). Thus, offering students a quality education. This article seeks to understand the factors that make it difficult and restrictive to teach the content of struggles in schools, and to approach the possible ways of applying the practice of fighting. The research is characterized in qualitative Minayo (2007) and exploratory Gil, (2002). We believe it is relevant to work on the content of struggles in basic education, overcoming possible limitations and making adaptations. The main focus of this research is to analyze the proposed theme in view of its lack of practical professional discussion, thus enabling the search for materials or information described in the doctrines used to carry out the present work.

**Key-words:** Sport; Fights; Physical Education and Education.

---

<sup>1</sup> Aluno do curso de Educação Física da faculdade Multivix Serra.

<sup>2</sup> Aluno do curso de Educação Física da faculdade Multivix Serra.

<sup>3</sup> Aluno do curso de Educação Física da faculdade Multivix Serra.

<sup>4</sup> Professor e Coordenador do curso de Educação Física da Multivix Serra.

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Física aborda as mais variadas formas de promover a cultura corporal de movimento, essa diversidade valoriza múltiplas dimensões e não se limita a somente uma prática.

O ensino da Educação Física nas escolas brasileiras em algumas situações se limita às atividades básicas como: futebol, handebol, vôlei e basquete. Segundo (DAOLIO, 2004 *apud* HERALDO SIMÕES FERREIRA, 2006, p. 37), “a função do profissional de Educação Física, é tratar o ser humano em ‘suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definido como jogo, esporte, dança, luta e ginástica”.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, a cultura corporal do movimento “adota uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos” (BRASIL, 1997, p.24).

As Diretrizes Curriculares Nacionais ainda apontam que:

“Dentre as produções dessa cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta. Estes têm em comum a representação corporal, com características lúdicas, de diversas culturas humanas; todos eles resinificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando uma atitude lúdica” (BRASIL, 1997, p.23).

Todavia, o ensino diversificado de conteúdos tem trazido grande dificuldade aos profissionais, seja pela sua formação ou por nunca ter tido contato com diversos conteúdos que compõem o quadro epistemológico da Educação Física.

“Assim, não se trata de uma estrutura estática ou inflexível, mas sim de uma forma de organizar o conjunto de conhecimentos abordados, segundo enfoques que podem ser dados: esportes, jogos lutas e ginástica; atividades rítmicas e corporais e conhecimentos sobre o corpo” (BRASIL, 1988 *apud* HERALDO SIMÕES FERREIRA, 2006, p.39).

Alguns pensadores, como Tardif (2012), Darido e Rufino (2012), acreditam que o distanciamento que os professores das universidades possuem frente a alguns

temas geram no produto final profissionais da área que não conhecem o conteúdo de maneira aprofundada.

“Dessa maneira superam a visão aplicacionista que apresenta como principal armadilha a desconsideração da prática como local de produção de saberes, desarticulando assim o processo de formação e de pesquisa sobre o ensino” (TARDIF apud DARIDO, RUFINO, 2012, p.505).

Dentre as modalidades que trabalham a cultura corporal de movimento, neste estudo abordamos as lutas como conteúdo da Educação Física a ser trabalhada no âmbito escolar, a fim de pensar nos obstáculos enfrentados para inserir a mesma nas aulas e buscar formas para contrapor estes obstáculos contemplando a introdução das lutas na Educação Física.

Em busca de analisar a dificuldade do ensino de lutas nas escolas, acreditamos que fatores como a formação profissional - escassa de conhecimentos essenciais -, a falta de materiais oferecidos por parte das escolas e as estruturas físicas inadequadas às práticas das lutas dificultam a aplicação desse conteúdo em âmbito escolar.

Frente ao exposto, este estudo visa compreender quais os fatores que dificultam e restringem o ensino do conteúdo de lutas nas escolas e aproximar-se das possíveis formas de se aplicar a prática de lutas nas escolas.

Partimos da hipótese de que as lutas podem ser um conteúdo presente nas aulas de educação física, mesmo que o docente não tenha uma vivência aprofundada no assunto. Ainda nesse sentido, a falta de materiais adequados e sua formação ‘deficiente’ não são fatores limitantes a este *saber*, mesmo que com limitações.

A literatura demonstra possibilidades de inserção e adaptações das lutas no cenário escolar, como mostra Darido e Rufino (2015) em entrevista com vários profissionais da área:

“O especialista 1 admitiu: “porque adaptar tudo pode ser adaptável. É possível adaptar as lutas na escola, mas o professor fica ‘preso’ naquilo que ele tem mais segurança”. Nessa mesma perspectiva, o especialista 3 sinalizou que “se adaptando você consegue ensinar alguns tipos de modalidades de combate dentro da escola”.

Para o especialista 4, as lutas são um conteúdo possível de ser ensinado na escola de forma adaptada, desde que se ofereça condições para o ensino. Este especialista ainda admitiu, ao remeter à sua própria história como professor: “eu adaptava tudo, isso porque eu tinha uma experiência que estava focada na adaptação” (DARIDO e RUFINO, 2015, p. 511).

Concordamos com Darido e Rufino (2015, p. 510) quando afirmam “(...) ser possível superar estas dificuldades por meio de adaptações de espaços e materiais que permitam intervenções seguras e em conformidade com a escola”.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Este estudo é uma pesquisa qualitativa, ou seja, não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social e de uma organização.

Para Minayo (2007), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Além disso, essa pesquisa se desenvolveu com caráter exploratório no conceito de (Gil, 2002, p.41):

“Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

Neste estudo apontamos, primeiramente, nosso recém-adquirido contato com a temática exposta, a fim de comparar nossa experiência na graduação com relação a literatura e o conteúdo de lutas nas escolas, nos familiarizando com o tema. Entretanto, a partir desta pesquisa de caráter exploratório, surgirão questionamentos para futuros novos estudos a serem desenvolvidos.

O estudo versará sobre quais os fatores que dificultam e restringem o ensino do conteúdo de lutas nas escolas e se aproximará das possíveis formas de se aplicar

a prática de lutas a partir da vivência dos próprios autores do texto. Para tanto, nos aproximamos de um recorte da produção literária desse tema e dos documentos que fundamentam a educação física escolar.

### 3 RESULTADOS

Como podemos analisar, a luta está em discrepância no contexto escolar devido a algumas dificuldades vividas pelo professor de educação física, e que seriam essas questões chave para uma melhor aplicação desse conteúdo, como pode ser evidenciado em Rufino e Darido (2015).

Essas limitações apresentadas na literatura, quando chegam ao chão da escola, dificultam um processo pedagógico eficiente ao ensino global da cultura corporal de movimento, pois parte dela o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social, inibindo os benefícios apresentados abaixo:

“No aspecto motor, observamos o desenvolvimento da lateralidade, o controle do tônus muscular, a melhora do equilíbrio e da coordenação global, o aprimoramento da ideia de tempo e espaço, bem como da noção de corpo. No aspecto cognitivo, as lutas favorecem a percepção, o raciocínio, a formulação de estratégias e a atenção. No que se refere ao aspecto afetivo e social, pode-se observar em alunos alguns aspectos importantes, como a reação a determinadas atitudes, a postura social, a socialização, a perseverança, o respeito e a determinação ” (FERREIRA, 2006, p. 39 e 40).

Podemos citar como principal limitação o que (DEL VECCHIO; FRANCHINI, 2006 apud Rufino e DARIDO, 2015, p. 509) apontam “[...] ao admitir que as dificuldades em tratar os conteúdos das lutas na escola são oriundas, em parte, devido à formação do profissional de Educação Física”.

Concordamos com esta afirmação devido nossa experiência na graduação, onde tivemos nossa grade curricular reduzida de quatro anos para três anos de curso, na qual a matéria de lutas foi exercida durante somente 30 horas. Levando em consideração que boa parte dos graduandos estão tendo o seu primeiro contato na graduação, fica evidente que os períodos determinados das horas estudadas não foram suficientes para aprender o conceito, os procedimentos e atitudes das lutas enquanto conteúdo escolar.

Outra limitação encontrada foi a falta de materiais e a estrutura da escola mostradas no texto de Darido e Rufino (2015) em pesquisa com vários especialistas da área da educação física. Acreditamos, após a literatura, ser possível a adaptação do ambiente escolar e a criação de materiais para aplicar as lutas nas escolas.

Destacamos as afirmações de RUFINO e DARIDO (2006, p. 511):

“A questão da adaptação é condição fundamental para o ensino das lutas na escola uma vez que é preciso traduzir pedagogicamente o ensino destas práticas de uma forma diferenciada daquela que é encontrada em outros contextos sociais”.

Citamos, também, o preconceito que a luta sofre no âmbito escolar, porque muitas das vezes é relacionada à violência ou a desintegração do aluno em relação ao processo de disciplina pregado pela escola. Durante a pesquisa com os especialistas da área da Educação Física tratado no texto de Rufino e Darido (2015, p. 510 e 511), a especialista 5 admitiu:

“[...] que o desconhecimento sobre as lutas, muitas vezes, pode gerar preconceitos sobre a violência exacerbada que passa a ser relacionada com estas práticas. Esta especialista admitiu ainda que essa relação passa a justificar a não inclusão das lutas na escola em diversos contextos”.

Não acreditamos nesta afirmação, porque pensamos que se houver uma metodologia pensada e analisada de forma correta, pode ser repassada de forma produtiva e colher bons frutos relacionados à integração dos alunos que vivem em grupos sociais a qual é exposto a situações de violência e uma forma de trabalhar o aspecto afetivo-social.

#### **4 DISCUSSÃO**

As lutas no âmbito escolar apresentam algumas restrições, inicialmente a própria formação acadêmica se revela com uma limitação da futura ação escolar, pois muitos cursos ofertam formações deficientes em relação a estas práticas, como afirma DEL VECCHIO, FRANCHINI:

“Seria mais importante que o graduando aprendesse a utilizar a luta/arte marcial como estratégia para atingir o objetivo de um programa de educação física em vez de executar técnicas específicas de um único estilo durante sua permanência no ensino superior” (2006, p. 103).

Segundo Correia e Franchini (2010), a carência de cursos que projetam a temática de lutas durante a formação de professores de Educação Física, como também a formação continuada após a graduação, é baixa. É importante a construção do saber *fazer* a fim de produzir os conhecimentos essenciais para didática pedagógica na prática do âmbito escolar.

No ano de 2004, o Conselho Nacional de Educação e a Câmara de Educação Superior Resolução N° 7, de 31 de março de 2004, Art. 3º determina que:

“A Educação Física é uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança, nas perspectivas da prevenção de problemas de agravo da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e da reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas” (BRASIL, 2004, P.1).

O Ministério da Educação, o Conselho Nacional de Educação e a Câmara de Educação Superior Resolução N° 7, de 4 de outubro de 2007, Art. 6º, continua determinando que a Educação Física deva visar uma formação, ampliando e enriquecendo a cultura da sociedade, assim, aumentando as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável (BRASIL, 2004).

Como Darido e Rufino (2015), em uma pesquisa realizada com profissionais da área de educação física que atuam na rede pública de ensino no estado de São Paulo, destacam a falta de estrutura como um dos fatores que dificultam a aplicação das lutas nas escolas,

“Os especialistas elencaram também a questão a infraestrutura escolar deficiente como condição que muitas vezes gera empecilhos para o ensino das lutas. O especialista 3, por exemplo, afirmou: “a gente tem algumas dificuldades, pois as vezes você não encontra a questão do espaço”. O especialista 4 também corroborou

essa perspectiva ao admitir que: “Os maiores problemas se devem à questão das condições de estrutura das escolas”. No entanto, este especialista reconheceu que as condições de falta de infraestrutura não podem se tornar justificativa para o não ensino das lutas na escola” (DARIDO e RUFINO, 2015, p.510).

Outro fator abordado foi o preconceito, onde há um pequeno número de informações a respeito das lutas na sociedade e o medo de incitar a violência por meio da associação às lutas entre os alunos (DARIDO E RUFINO, 2015). Isso é fruto da natureza histórica das diferentes modalidades de luta na nossa sociedade, onde de forma subjetiva incitava a sobrevivência e a eliminação do oponente. Considerando a história da humanidade nas mais diversificadas civilizações, observaram que não são poucos os registros de combates.

Anteriormente, no início da era antropocêntrica, as lutas eram praticadas como forma de defesa e proteção para se resguardarem das atitudes de violência voltadas contra si, a casa e a família, como afirma Heraldo Simões Ferreira (2006): “o ato de lutar deve ser incluído dentro do contexto histórico-sócio-cultural do homem, já que o ser humano luta, desde a pré-história, pela sua sobrevivência”.

Na antiguidade, os ensinamentos eram passados de mestre para aluno por meio da vivência prática e verbal, por esse motivo, poucos são os relatos registrados das lutas daquela época.

“Na história da humanidade quando levamos em consideração o estágio já urbano, ao se fazer uma breve gênese das lutas, observamos que não foram poucos os registros encontrados nas mais diversas civilizações. Remontando entre os anos 3000 e 1500 a.C., os sumerianos deixaram imagens de três duplas de lutadores representando diversas fases de uma luta, com características que D. Palmer e M. Howell (in Blanchard, Chelska, op. cit) consideraram como sendo, “uma das provas mais antigas” do que hoje entenderíamos como atividade de luta. Outras evidências de práticas de lutas também foram encontradas em outras culturas, através dos desenhos encontrados dentro da tumba egípcia de Beni Hassan (Henares, 2000) e também em Creta, por volta de 2000a.C. (Blanchard e Chelska,op.cit)” (ALVES JR, 2001 apud FERREIRA, 2006, p. 38).

Na atualidade, as lutas não são mais usadas com essa finalidade, a qual se tornou uma prática esportiva que pode ser direcionada a diversos campos distantes da ação violenta como, por exemplo, os espetáculos e competições.



“As lutas na sociedade moderna surgem, então, com uma diminuição dos níveis aceitáveis de violência. Consequentemente, de acordo com Riesman e Denney (1971), as lutas enquanto esporte moderno são mais “abstratas”, mais afastadas dos “combates sérios”. Ou seja, tornam-se uma representação mais simbólica e “menos real” de uma violência, de uma “briga de rua”. Apesar dessa tendência civilizadora, em diversos momentos do século XX, de forma paralela às lutas esportivizadas surgem combates com poucas ou mesmo sem regras, processo denominado de desesportivização” (BRASIL, 1998 apud FERREIRA, 2006, p. 38).

Além disso, as lutas constroem outros caminhos que vão além da sobrevivência, da proteção e do condicionamento físico. Para a sociedade, as lutas formam cidadãos com consciência corporal, mais consciente de seus atos, éticos, potencialmente menos preconceituosos, possibilitando um maior entendimento e respeito ao próximo, proporcionando a formação de um ser humano crítico e consciente.

Corroborando com essa ideia, por exemplo, a educação física resgatar a capoeira como parte da manifestação da cultura dos negros no período escravocrata no Brasil (FERREIRA, 2006).

Por tanto, a partir dessa afirmação, entendemos que essas modalidades de lutas envolvem diversos aspectos que podem ser trabalhados como o autor retrata: “[...] a dança, a música e um gestual carregado de historicidade”.

Entretanto, a partir da abordagem do conteúdo de lutas nas escolas, o aspecto violência trará dúvidas diante da comunidade pedagógica quanto ao preconceito em relação à mesma (DARIDO, RUFINO 2015).

Contudo, Ferreira (2006) discorda desse tipo de argumento quando ele afirma em seu texto que:

“A Educação Física passa a ser uma disciplina que vai tratar pedagogicamente de uma área de conhecimento denominada de ‘cultura corporal’, configurada na forma de temas ou de atividades corporais. Devemos ter consciência que a atividade física das lutas não é nem nociva nem virtuosa em si, ela transforma-se segundo o contexto. A luta na universidade, na escola, ou em qualquer outro local, torna-se o que dela a fazemos, e a competição, acrescentaríamos, não é uma imposição deste esporte” (ALVES JR, 2001 apud FERREIRA, 2006, p. 40).

As lutas necessitam ser exercidas como conteúdo disciplinar a ser aplicado nas aulas de Educação Física em ambas as etapas de ensino, evidenciando que a luta não parte somente do princípio das técnicas e regras agrupadas, todavia, (FERREIRA, 2006) afirma:

“O braço de ferro, o cabo de guerra, as técnicas recreativas de empurrar, de puxar, de deslocar o parceiro do local, as lutas representativas como a luta do sapo (alunos agachados, um tentando derrubar o outro), a luta do saci alunos de mãos dadas, somente com um pé no chão, tentando provocar o desequilíbrio do parceiro, forçando o colega a tocar com o pé que estava elevado no chão), são apenas alguns exemplos de como se trabalhar as lutas de forma estimulante e desafiadora na aula de educação física. Pode-se levar, em visitas às escolas, especialistas, promovendo palestras, ministrando pequenos cursos ou fazendo demonstrações específicas. Os alunos podem visitar academias de lutas, assistir a filmes e documentários ou, ainda, realizar pesquisas sobre o tema”.

As lutas constituem-se mundialmente como uma das mais antigas manifestações da cultura humana, sendo globalmente difundida e apresentada, em diferentes práticas e variações, podendo estar associada à guerra, à autodefesa; ao exercício físico, ao jogo ou como ação ritualística. O conteúdo de lutas, como Espartero (1999), relata marcas das civilizações desde as primeiras gerações, com o passar dos anos as lutas foram perdendo a marca de estarem atrelados às guerras e foram conquistando seu espaço na sociedade.

Destacamos as afirmações de DEL VECCHIO; FRANCHIN (2006, p.99):

“Nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, foram disputas as seguintes modalidades de luta corporal sem implemento: boxe, judô, luta (greco-romana e livre) e taekwondo. (...) destaca-se a presença da esgrima. (...) pelo número de modalidades, estão comprovadas a popularidade e a importância que as modalidades de luta possuem em relação ao desenvolvimento esportivo. Além desse aspecto esportivo, a presença das lutas/artes marciais é bastante evidente em filmes, desenhos e jogos de computadores”.

As lutas já faziam parte da sociedade desde os Antigos Jogos Olímpicos, além disso, também eram utilizadas como forma de educação moral em jovens e crianças nas sociedades gregas. Isto posto, seu caráter educativo já era evidente desde as antigas civilizações.

O caráter educativo por meio do combate foi largamente utilizado nas diferentes *modalidades* de ensino desenvolvidas pela humanidade, dessa forma, se caracterizando como uma expressão da cultura corporal de movimento. Assim, a negação desse saber no conteúdo escolar negligencia um desenvolvimento corporal completo como as Diretrizes Curriculares Nacionais preveem para as crianças dentro das escolas.

“Compreende-se que o trato pedagógico do componente lutas na Educação Física escolar deva comportar necessariamente aspectos da autonomia, criticidade, emancipação e a construção de conhecimentos significativos” (NASCIMENTO E ALMEIDA, 2007, p. 93).

Nascimento (2005) destaca que em muitas escolas as lutas acontecem, entretanto, não como deveriam. Normalmente, as escolas disponibilizam seu espaço para terceiros realizarem seus projetos, oficinas, voluntárias ou não, totalmente desassociados da disciplina de Educação Física.

Nascimento e Almeida (2007, p.93), em sua pesquisa, abordam dois argumentos restritivos que encontraram mais relevantes para a abordagem de lutas dentro das escolas:

“1) a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos professores, tanto no cotidiano de vida, como no âmbito acadêmico;

2) a preocupação com o fator violência, que julgam ser intrínseco às práticas de luta, o que incompatibiliza a possibilidade”.

Quanto à falta de vivência do docente, Del Vecchio e Franchini (2006) ressaltam que a dificuldade em tratar o conteúdo de lutas se detém a formação dos profissionais. Para eles, em muitos casos, os cursos de graduação apresentam uma grande lacuna no que se refere ao conhecimento em lutas.

A falta de conhecimento do conteúdo de lutas acaba trazendo para as aulas de Educação Física uma grande prioridade ao plano procedimental (emprego de técnicas e fundamentos), enquanto tem-se deixado de lado o atitudinal (valores nas e para as práticas), bem como o conceitual (entendimento do porquê realizar este ou aquele movimento), como afirma (DARIDO, 2001).

Em relação à violência, Olivier (2000, p. 11) – outra barreira a ser vencida por este conteúdo - entende-a como: [...] inerente às relações sociais”, e a concebe como “[...] modos de expressão e de comunicação”, que surgem em situações de conflito, de ameaças, de incerteza.

O autor se posiciona no sentido de que as atividades de luta na escola, sistematizadas e metodologicamente pensadas e conduzidas, servem como importantes elementos de estruturação motora, psicoafetiva e social, que ajudam “[...] a criança a gerir e a controlar a complexidade das relações violentas no interior do grupo social” (idem).

Ao referir-se à questão “Violência e Mídia”, Olivier (2000, p.13) reconhece a exposição extrema das crianças às imagens violentas, por meio de heróis lutadores e, mesmo sem avançar na análise dessa questão na ótica de ser “nociva” ou não, entende estarmos diante de um fator que não deve ser negligenciado quanto à formação de nossas crianças. Assim, o autor reconhece a escola como possível detentora de um papel de contrapoder, uma vez que pode privilegiar cada vez mais a “comunicação, as trocas no contexto de suas próprias regras sociais”.

Tais afirmativas nos levam a perceber que o distanciamento da prática de lutas só possibilita um maior desconhecimento do que realmente são as lutas/artes marciais, gerando uma imagem socialmente negativa.

Os dois argumentos podem ser percebidos no cotidiano escolar, todavia, é necessário que haja um comprometimento maior dos profissionais de graduações e dos novos professores de Educação Física que busquem um conhecimento mais profundo dos conteúdos de lutas, para que possam ser trabalhados de forma eficaz dentro da escola.

## **5 CONCLUSÃO**

No desenvolver deste artigo foi abordada a importância do conteúdo de lutas como metodologia de ensino nas aulas de Educação Física para o desenvolvimento da cultura corporal do movimento, desenvolvendo a autonomia, a cooperação, a

participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos. Este artigo, por meio de sua pesquisa, revela as dificuldades enfrentadas pelos docentes na prática de lutas dentro das escolas.

A partir da pesquisa qualitativa exploratória, baseada em docentes e pesquisadores da temática, foi possível perceber a escassez do conteúdo de lutas dentro das escolas, a falta de materiais para tal prática, o preconceito que gira em torno de sua aplicabilidade dentro das escolas e a formação deficiente. Em contrapartida, foi notório a necessidade do ensino de lutas nas escolas, pois o mesmo ajuda no desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social. É evidente que a falta de conhecimento traz desconforto ao docente, e muitas vezes o deixa estagnado em sua zona de conforto, mas concluímos com o pensamento de Rufino e Darido (2015, p. 511), que diz: “a questão da adaptação é condição fundamental para o ensino de lutas na escola”.

O tema pesquisado é de notória importância para o desenvolvimento humano e para a educação, entretanto, é preocupante a relação entre a teoria e a prática observada no decorrer da pesquisa, deixando evidente a necessidade de estudos, pesquisas e até mesmo uma reformulação no processo de formação dos docentes, com a finalidade de inserir metodologias que construam aprendizagens significativas e que atendam às necessidades dos alunos.

## 6 REFERÊNCIAS

ALVES, JR ED. In GUEDES OC(org). **Judô: evolução técnica e competição**. João Pessoa: Ed Idéia, 2001;73-91.

BRASIL. **Conselho Nacional De Educação E Câmara De Educação Superior RESOLUÇÃO N° 7, DE 31 DE MARÇO DE 2004**. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2018.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília :

MEC/SEF, 1997. P. 24. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2018.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate**. Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 1-9, jan./mar. 2010. P. 06.

DAOLIO J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades**. Perspectivas em Educação Física Escolar, Niterói, v. 2, n. 1 (supl.), p. 5-25, 2001.

FERREIRA, Heraldo Simões. **As lutas na educação física escolar**. *Revista de educação física*, Nº 135. Universidade Estadual do Ceará (UECE) - Fortaleza - CE - Brasil. NOVEMBRO DE 2006 – PÁG 36 – 44.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa** /Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002 Bibliografia. ISBN 85-224-3169-8 1. Pesquisa 2.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 2, 283-300, 2012.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas nas aulas de educação física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas**. *Revista da Educação Física / UEM. Rev. educ. fis. UEM vol.26 no.4 Maringá Sept./Dec. 2015*.

DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. **Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da educação física**. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). *Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas*. Rio Claro: Biblioética, 2006.

ESPARTERO, J. **Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha.** In: VILLAMÓN, M.(org). Introducción al Judo. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1999.

Neto, S.S; Hunger, D. **Formação profissional em Educação Física: estudos e pesquisas/** Samuel de Souza Neto, Dagmar Hunger (orgs.) – Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 99.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

NASCIMENTO, Paulo R. B. **A capoeira no contexto da escola e da Educação Física.** 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUÍ, Ijuí, 2005.

OLIVIER, Jean-Claude. **Das brigas aos jogos com regras:** enfrentando a indisciplina na escola. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. P. 11 e 13.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2012.